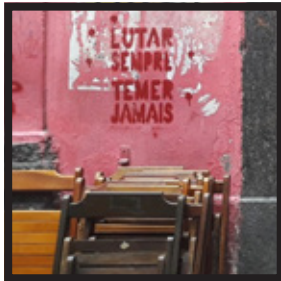


## >QUANTAS CIDADES HÁ EM MIM? DIÁLOGOS ENTRE INTERVENÇÕES URBANAS NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

**ANA PAULA ALVES RIBEIRO**

>Universidade do Estado do Rio de Janeiro



### Resumo>

*O presente ensaio foi desenvolvido entre dezembro de 2016 e outubro de 2017, a partir de registros e notas visuais realizadas no caminhar pela cidade. Pretendo neste trabalho refletir sobre as diferentes cidades que aparecem pelas ruas do Rio de Janeiro e se desdobram nas redes sociais fotográficas - especificamente o Instagram, em um diálogo que se estabelece de mão dupla: no encontro da pesquisa com as intervenções urbanas e pensando as superfícies da cidade como suporte, em um diálogo temporal entre os diferentes tipos de intervenções, trazendo reflexões e usos políticos e poéticos das imagens nestes espaços, formando outras possibilidades de significação.*

### Palavras-chave>

*intervenções urbanas; lutas políticas;  
movimentos poéticos*

## >QUANTAS CIDADES HÁ EM MIM? DIÁLOGOS ENTRE INTERVENÇÕES URBANAS NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

**ANA PAULA ALVES RIBEIRO**

>anapalvesribeiro@gmail.com

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A pergunta que dá título a este ensaio foi colada e pintada em algumas cidades brasileiras, uma ação artística do Coletivo Transverso, de Brasília, atuando desde 2011. O primeiro lambe-lambe que vi era do Transverso e foi colado em uma rua da Lapa na época da Jornada Mundial da Juventude, em 2013. Hoje consigo identificar com mais facilidade suas intervenções, por conta do *design* dos lambes e das intervenções em estêncil. Consegui identificar pois há um grande conjunto de intervenções postadas em redes sociais, agregadas com *hashtags* que possibilitam mergulhar em fotografias realizadas por diversas pessoas, no Brasil e no exterior, mesmo que o Coletivo não assine suas obras. A assinatura, para o Coletivo, “facilita demais a vida do observador. [...] Desconhecendo a autoria de uma frase escrita na parede, quem lê não pode se valer de estereótipos de gênero, de origem social e outras questões de identidade para interpretar o conteúdo” (Blog Coletivo Transverso, novembro de 2012). Esta proposta não é uma unanimidade, mas o que parece ter um certo discurso constante é que a cidade é espaço de diálogo. E que paredes, muros, tapumes que compõem estas cidades são usados como suporte de anúncios e, sim, de movimentos identitários. Transitar pela cidade e registrar muros e paredes, intervenções artísticas e poéticas, lutas políticas, a paisagem e a arquitetura fez com que eu passasse a observar estes quadros formados – muitos efêmeros, alguns duradouros – que foram se constituindo. Graffitis, pichações, escrituras e colagens. Entre as duas últimas, expressões de descontentamento político, o valor dos produtos no supermercado do bairro, anúncios de excursões, aluguel e venda de imóveis, campanhas contra o racismo, a homofobia e o sexismo, convites para shows e saraus, declarações de amor. A rua e seus muros como lugar destas presenças e destes encontros. Como Aderaldo aponta

Transitamos cotidianamente entre ambientes marcados por uma tessitura áspera e, em muitos casos, excludente, os quais revelam a existência de áreas limiáres, como becos, vielas, terrenos baldios, cruzamentos, escadarias, praças, entre outros lugares com grande poder simbólico. Não por acaso, é justamente nos pontos nodais (entre dois) que pichações, graffitis e outras modalidades de apropriação territorial e visual urbanas encontram o terreno mais fértil para suas presenças insurgentes (2016:109)

Uma observação atenta possibilitada pelo caminhar e tendo como guias caminhantes que vieram antes de nós, tais como Walter Benjamin, Michel de Certeau, e autoras contemporâneas como Beatriz Sarlo e Rebecca Solnit, por exemplo, indica especificidades do pesquisador que caminha. A percepção de cidades não possíveis de serem registradas em ângulos panorâmicos e o que as caminhadas possibilitam ao olhar, estas inúmeras cidades em detalhes não cristalizados de Certeau (1994), a perspectiva de se pensar o *flâneur* e a atividade de flanar nas cidades modernas em Benjamin (1991, 2012), são questões que perpassam as Ciências Sociais e muitas de suas pesquisas ainda hoje.

O livro de Beatriz Sarlo *A Cidade Vista - Mercadorias e Cultura Urbana* me ajuda a pensar um certo caminhar pela cidade sempre refletindo sobre a sua cultura visual e as perspectivas de gênero que aparecem na obra, que dialoga com o conceito de *flânerie* pensado por Walter Benjamin, e sobre como as mulheres se colocam, muitas vezes em cidades que pouco acolhem nossos corpos, como *flâneuses*, fazendo flexão de gênero e pensando as especificidades das nossas experiências. O ensaio “Avó Aranha”, da historiadora da arte e do movimento feminista Rebecca Solnit, reflete sobre os apagamentos que mulheres sofrem na arte e nas suas vidas cotidianas.

Algumas mulheres vão sendo apagadas aos poucos, outras de uma só vez. Algumas reaparecem. Toda mulher que aparece luta contra as forças que desejam fazê-la desaparecer. Luta contra as forças que querem contar a história dela no lugar dela, ou omiti-la da história, da genealogia, dos direitos do homem, do estado de direito. A capacidade de contar sua própria história, em palavras ou imagens, já é uma vitória, já é uma revolta. (SOLNIT, 2017, p. 96-97)

Como das dez fotos apresentadas, sete são de coletivos ou movimentos de que mulheres fazem parte ou protagonizam, ocupando lugares das cidades e inclusive lutando contra processos de invisibilização, lembro aqui uma citação do referido ensaio, pensando que nossas imagens são vitórias, são revoltas, mais ainda que resistências.

### **Intervenções urbanas e seus movimentos**

Produz-se uma arte a partir de um determinado movimento, luta, agenda, intenção. A arte é impressa ou se espalha pela internet. A arte é postada. A arte é colada. Nas casas, nas ruas. O veículo de circulação desta arte muitas vezes é a rua, são as paredes, os muros. Rolinho e cola manuseados pelas mãos de pessoas que escolheram um lugar para estabelecer o diálogo. Da cola, que vai fixá-la, até o lambe/colagem ser pintado, arrancado, deteriorado, ou passar a interagir com outras artes, colagens, pixos e grafitis. Ou ganha outra colagem por cima. Ou sua mensagem some. Tempo. Com estêncil é a mesma coisa. Arte, suporte, recorte, rua. Estêncil no muro ou parede – spray. Tempo, deterioração, colagens, pixos, grafitis, tinta que apaga. Repressão. Mensagem que some. Gente. Tem muita gente nas ruas, muitas pessoas nos muros. Mas, se registradas e postadas, alcançamos uma certa visibilidade. Ricardo Campos (2012) aponta

[...] no sentido da constituição de uma cada vez mais sólida integração dos mecanismos e estratégias de comunicação online na prática do graffiti e na constituição e hierarquização deste campo social. Lemos estas disposições recentes como estando em sintonia com a própria história do graffiti urbano, feita de hibridismo de linguagens visuais, da mistura de técnicas e tecnologias expressivas, da criatividade e inovação (CAMPOS, 2012, p. 544)

**Quantas cidades há em mim?** tem como proposta refletir sobre as possíveis camadas e diálogos existentes nas paredes e muros – que discursos trazem, como conversam, pelo que lutam e o que defendem, o que divulgam, quais são seus projetos. E a ação do tempo, seja naquilo que foi colado, seja naquilo que foi arrancado, além das conversas que se estabeleceram a partir de determinadas lutas, recados, declarações.

### Intervenções urbanas e suas fotografias como quadros

*O olhar é também um produto.*

Jean-Louis Comolli

*Os sentidos, na obra dos artistas contemporâneos, não estão prontos, mas se configuram no acontecimento, isto é, na construção de múltiplas relações que acontecem entre a obra e o observador.*

Katia Canton

As fotos foram feitas com uma câmera de celular, entre dezembro de 2016 e outubro de 2017. Já era um hábito fazer pequenas notas visuais, sempre de passagem pelas ruas, geralmente no trecho Vila Isabel – Botafogo onde circulo com frequência e nos bairros que compõem este perímetro. Estimulada pela disciplina que estava preparando naquele momento, *Vamos andar pelas cidades? Cinemas, Performances e Intervenções urbanas* acabei por criar notas visuais. Por meio das mesmas, dialogando com a cidade onde resido, percebo a efemeridade destas intervenções, seja pela ação do tempo, seja pela ação humana, de tirar, acrescentar, dialogar. Como notas visuais, as fotografias não demonstram em si uma unidade estética, assim como as cidades e suas intervenções também não o demonstram. Por vezes fotografo de perto, tanto para proteger a mim e à câmera, mas principalmente para capturar detalhes que são difíceis de serem percebidos a distância, de passagem. Muitas vezes retorno para observar e fotografar. De toda forma, a fotografia ganha outro corpo quando postada no Instagram, com suas *tags* (entendidas como identificação de quem faz as intervenções e como etiqueta que possibilita classificação), quando passa a dialogar com artistas e coletivos, em conversas que são efêmeras como as intervenções nas ruas e em outras que se traduzem em conversas mais longas e trocas efetivas. Aqui, opto por deixar no corpo do texto e das legendas nomes de usuários e *hashtags* que possibilitam identificação, autoria e acesso à galeria de imagens/fotografias. Foi no sentido do diálogo constituído que optei por manter a autoria das intervenções identificáveis neste ensaio.



## Poéticas

A pergunta que me faço quando fotografo estas intervenções é de que maneira as colagens, sobrepostas ou não, pretendem dialogar com os transeuntes e entre si. A fotografia 1 apresenta um lambe-lambe presente em muitas ruas e muros das cidades brasileiras desde 2013: “Mais amor, por favor”. Virou lema, viraliza. “Mais amor, por favor” e #nãoénão: a Intervenção do Movimento Olga Benario Brasil, o @movimentoolga, pretende organizar mulheres na luta contra a opressão, exploração e pelo socialismo, conforme aponta seu perfil no Instagram. Em seu lambe-lambe, costura dois tipos de mensagens: para que respeitem as minas e que nada justifica o assédio, e, em primeira pessoa, que o meu decote não é um convite. Entre o meu discurso e o nosso discurso, a mensagem evidente é a negativa à cultura do assédio e do estupro. Sarau do Escritório: aqui, o Sarau @sarauoescritório, mantido pelo Coletivo Peneira #coletivopeneira convida para o Baile de Gala ocorrido no início de dezembro de 2016. Em seu baile, que dura aproximadamente doze horas e ocupa uma das principais encruzilhadas do Centro da Cidade, quatro palcos são montados (um em cada esquina) e é feito um convite a coletivos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que recebem seus convidados de diversas áreas tais como: música, poesia, intervenção urbana, cinema/audiovisual, performance, entre outras. Aqui, ativismo e afeto se encontram, sendo “Mais amor, por favor” a camada mais antiga, e as intervenções do Movimento Olga Benário Brasil, a mais recente.



Fotografia 1 – Ativismo e Afeto em Camadas. Centro, março de 2017. Intervenção sobre tapume.



Fotografia 2 – Pixação e intervenção posterior de @otroshermanos. Janeiro de 2017. Intervenção sobre mármore.

A intervenção realizada pelo Otros Hermanos (fotografia 2) foi executada em rua onde eu necessariamente passaria a caminho da minha casa, um diálogo desenvolvido a partir de interesses em comum. Colegas, trabalham com a interface entre antropologia, design, cultura e artes, e têm como objetivo a exploração do universo sul-americano. Não há localização geográfica nesta fotografia, pois Otros Hermanos não georreferencia suas fotografias ou intervenções, criando uma espécie de *continuum* entre imagens das cidades visitadas.





Fotografia 3 – Pixação no Centro e intervenção de @denby.art. Janeiro de 2017. Intervenções sobre muro.

Conheci melhor o trabalho de Denby Art a posteriori, a partir do Instagram. Muitos trabalhos e suas intervenções na cidade acabei por conhecer desta maneira, seguindo suas *tags* no Instagram ou buscando informações em outras redes sociais, como o Facebook, por exemplo. A opção pelo plano fechado nesta foto se dá para visibilizar a arte sobreposta em um conjunto de *tags* pixadas. Está localizada em uma rua do Centro do Rio, com relativo volume de transeuntes, e, em um primeiro momento, por estar localizada em um muro, pouco chamava a atenção, ficando o gato retratado “diluído” em um mar de inscrições. A opção pelo plano fechado se dá também para observarmos que ao mesmo tempo em que a intervenção é feita por cima de *tags*, outras *tags* surgem a caneta, por cima do lambe-lambe.



Fotografia 4 – Queria um dia só viver contigo pra sempre. Você é meu sentimento favorito... Flamengo, abril de F017: com @coletivotransverso e @ladrilha. Intervenções em muro.

Um graffti de fundo, uma intervenção em estêncil e um ladrilho riscado. No alto, um coração feito a caneta em uma parede. Uma intervenção poética formada e o diálogo com Fernanda Moreira, do @ladrilha, após a fotografia ser postada, aponta que o risco negando o “você é meu sentimento favorito” não devia estar ali e o desejo de, em breve, renovar a afirmação. Da mesma forma que o “Mais amor, por favor” da fotografia 1, as frases do Coletivo Transverso, coladas ou pintadas, me atravessam quando menos espero. A primeira vez foi na Lapa, em 2003, e vez ou outra persigo estes recados, desvios de rota e pequenos lembretes de que é preciso parar e ouvir as ruas. “Queria um dia só viver contigo pra sempre”. Podia ser também “Ninguém manda no que a rua diz”, “Tem coisa que só sai da gente por escrito”, “Em caso de dor dance”, “Corpo é porto, é barco, é ponte”, “Quantas cidades há em mim?”, ou tantas frases quanto as cidades que imagino ter em nós....



Políticas



fotografia 5 – Tá olhando o que? Fora Temer. Botafogo. Dezembro de 2016: intervenção de @julialuzsaldanha. Intervenções em muro.

Na fotografia 5, não consigo identificar a autoria da pergunta “Tá olhando o que?”, tanto no momento que encontro o muro, como posteriormente. Aqui, especificamente, o que me chama a atenção em um primeiro momento é a cena da praia e a faixa de avião com uma frase quase apagada. A intervenção é colorida e, mesmo assim, é necessário forçar os olhos e confiar na descrição de que a legenda do avião enuncia um “Fora Temer”. Desde maio de 2016, após a destituição da presidenta da república democraticamente eleita, o fora passou a ser manifesto de descontentamento, sendo cantado em manifestações, shows, inícios de falas, estando em produtos e circulando de forma mais ou menos evidente entre alguns grupos. Aqui faço duas observações: a primeira é que identifico Julia Saldanha, autora da intervenção, quase um ano depois, em setembro de 2017 em uma feira de impressos no Centro do Rio de Janeiro. Com pôsteres e postais, o “Fora Temer” se enuncia na arte de Julia a partir de imagens de cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. A segunda observação se refere ao diálogo estabelecido com o protesto político encontrado nas fotografias 5, 6, 9 e 10. Das paredes, governo nenhum escapa e a crítica se faz presente.



Fotografia 6 - (4 anos e) Por que Rafael Braga ainda está preso? Manifesto dialoga com arte-manifesto de Kiko Dinucci. Centro, junho de 2017. Intervenção sobre tapume.

Em 2017, Rafael Braga era o único a seguir preso em decorrência das manifestações de 2013. Catador de materiais recicláveis, negro, vivendo em situação de rua e com baixa escolaridade, foi apreendido portando uma garrafa de Pinho Sol; desde então, mobiliza-se uma campanha pela sua liberdade apontando que o racismo é um fator estruturante para a sua condenação e manutenção da sua prisão. Aqui, como em outras intervenções, cidades dialogam e, neste caso, Rio de Janeiro e São Paulo se encontram. Reconheci a imagem de Rafael Braga feita pelo artista visual, cineasta, cantor e compositor paulista Kiko Dinucci. Como todas as suas criações de arte-manifesto são liberadas em alta resolução para serem usadas em protestos, esta foi utilizada para dizer quem é Rafael Braga e por que ele ainda está preso, apontando classe e raça como fundadoras da injustiça da sua prisão.





Fotografia 7 – Feminicidade. Projeto protagonizado por mulheres, cuja ênfase é na corporalidade e na dinâmica das cidades. Lapa, setembro de 2017.

Aqui este lambe-lambe do projeto #feminicidade (fotografia 7) não identifica as participantes. Com a palavra, mulheres (com falas interseccionais em classe, orientação sexual e raça) trazem reflexões às ruas da cidade sobre empoderamento, visibilidade, mercado de trabalho, sexualidade, entre tantas questões que tangenciam a existência dos movimentos feministas. Reconheço aqui a arquiteta Tainá de Paula, que aponta a naturalização dos territórios de pobreza e as violências cotidianas e violações de direitos que são invisibilizadas.





fotografia 8 - #nãoabaixeacabeça #levantaesseolhar. Conselho na porta de um cinema em Botafogo, outubro de 2017.

Com estética que se aproxima de uma iconografia dos anos 1970, a fotografia 8 apresenta uma mulher negra e um conselho: “Não abaixe a cabeça, levanta esse olhar”. Vista em bairros como Glória, Catete, Largo do Machado e Botafogo, próximos e contínuos, entre o Centro e a Zona Sul, esta intervenção parece dialogar com as feministas negras, a circulação de mulheres negras na cidade e, principalmente, o colocar seus corpos e vozes na cidade, real ou metaforicamente.



fotografia 9 - #UerjResiste dialoga com a colagem de @carolinefraga\_draw. Vila Isabel, junho de 2017. Intervenção sobre muro.

Na fotografia 9, a arte de Caroline Fraga aparece no muro do restaurante Planeta do Chopp, fechado como reflexo da crise do estado do Rio de Janeiro, que levou a um processo de agonia de suas instituições, incluindo *aqui* a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Aqui*, timidamente vemos intervenções que narram a luta e a resistência da universidade: “UERJ na rua”, “UERJ luta”, “Pelo direito à educ(ação)”. É uma forma de sair dos muros da universidade e informar à população a situação de descaso pela qual a instituição tem passado, com atraso de bolsas e salários, e sem repasses de verbas. A fotografia 10, a última, na realidade é a primeira e única com enquadramento que se distancia radicalmente das demais. Em um plano aberto, encontramos na mesma parede “Mais amor, por favor”, intervenção que, após aparecer na primeira fotografia, agora aparece descascando, e, chamando a atenção ao lado de uma colagem de um bebê e um violão, de Alberto Pereira (@albertopereira), um “Fora Crivella”, prefeito recém-eleito, mas que ainda não havia tomado posse (só o faria em janeiro de 2017). Entre a fotografia 9 e a 10, duas questões que perpassam o Rio de Janeiro, estado e capital: as universidades públicas estaduais e suas lutas, aqui representadas pela UERJ, e uma ocupação das ruas em oposição ao prefeito eleito e naquele momento não empossado, demonstrando a complexidade das relações com os governos estadual e municipal. E na fotografia 10, mais uma vez e em outra versão: “Lutar sempre, Temer jamais”.



fotografia 10 – Afeto e Política em diálogos. Centro, dezembro de 2016.



REFERÊNCIAS

ADERALDO, Guilherme. *Imagens do Insólito – Algumas notas sobre fronteiras, itinerâncias e abismos urbanos*. In.: Niggaz – Graffiti, Memória e Juventude. NERI, Mauro (Org.). SP: Edições do Burro, 2016. Disponível em: <<https://www.academia.edu/31613845/Niggaz.pdf>>. Acesso em fev. 2018.

BENJAMIN, Walter. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. In: KOTHE, Flávio R. (org.). São Paulo: Editora Ática, 1991.

BENJAMIN, Walter. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

CANTON, Katia. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

CAMPOS, Ricardo. *Visibilidades e invisibilidades urbanas*. *Revista de Ciências Sociais – Fortaleza*. // DOSSIÊ: ARTE, CIDADE E NARRATIVAS VISUAIS, v. 47, n. 1, jan./jun., 2016, p. 49-76. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/5677/4073>> e Dossiê completo disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/issue/view/386>>. Acesso em 15 jul. 2017.

CAMPOS, Ricardo. A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 543-566, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12338/8284>>. Acesso em fev. 2018.

COMOLLI, Jean-Louis. A Cidade Filmada. In: *CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM*. Rio de Janeiro, Volume 4 – A Cidade em Imagens, 1997.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. O antropólogo na figura do narrador. In: *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista – Mercadorias e Cultura Urbana*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 jul. 2017. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>>.

SOLNIT, Rebecca. Avó Aranha. In: *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

>RECEBIDO EM 22 DE AGOSTO DE 2017

APROVADO EM 15 DE FEVEREIRO DE 2018

>HOW MANY CITIES ARE THERE IN ME? DIALOGUES BETWEEN URBAN INTERVENTIONS IN THE STREETS OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT:

The present essay was developed between December 2016 and October 2017, from notes and visual records held in walks through the city. I intend in this work to reflect on the different cities that appear on the streets of Rio de Janeiro and unfold in the photographic social networks - specifically the Instagram, in a dialogue that established two-ways: the encounter of research with urban interventions and thinking surfaces of the city as support, in a temporal dialogue between the different types of interventions, bringing reflections and political and poetic uses of the images in these spaces, forming other possibilities of signification.

KEY - WORDS :

urban interventions; political struggles; poetic movements